

Noruega, Ndo ro hwêkê, Peido na cara*

Rafael Nonato <rafaeln@gmail.com>

11 de setembro de 2018

Abstract

This paper describes the main strategies used in Kĩsêdjê to name new objects and concepts: humorous phonetic matching, phono-semantic matching, meaning extension and descriptions. Though nowadays most Kĩsêdjê are fluent in Portuguese, simple loanword adaptation, though used, is rare. The main strategies are based on phonetic matching, that is, on finding a Kĩsêdjê word or phrase that approximates the source Portuguese word. The matches that are most well-accepted among speakers are those that have humorous undertones. Those that approximate the semantics of the source word also tend to be successful. Before the Kĩsêdjê were fluent in Portuguese, meaning extension was very important, and this process is also described in this paper.

Keywords: neologism; phonetic matching; phono-semantic matching; humor, Kĩsêdjê.

Resumo

Este artigo descreve as principais estratégias usadas em Kĩsêdjê para nomear novos objetos e conceitos: pareamento fonológico chistoso, pareamento fonossemântico, extensão de significado e descrições. Embora atualmente a maioria dos Kĩsêdjê seja fluente em português, a simples adaptação de empréstimos, embora praticada, é rara. As estratégias principais são baseadas no pareamento fonológico, isto é, em encontrar uma palavra ou sintagma em Kĩsêdjê que se aproxime da palavra portuguesa original. As aproximações mais bem aceitas entre os falantes são aquelas que têm uma matiz chistosa. Aquelas cuja semântica se aproxima à da palavra original também tendem a ter sucesso. Antes de os Kĩsêdjê serem fluentes em português, a extensão de significado foi muito importante, e também é descrita neste artigo.

Palavras-chave: neologismo; pareamento fonológico; pareamento fonossemântico; chiste; Kĩsêdjê.

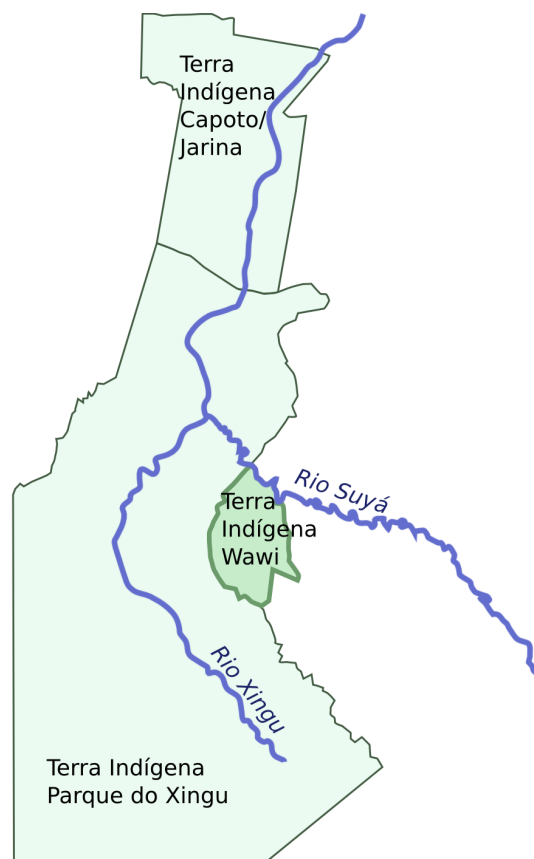
1 Introdução

À medida que conhecem novos entes, os Kĩsêdjê (Jê do Norte, Terra Indígena Wawi, MT, anteriormente conhecidos como Suyá) precisam encontrar uma forma de se referir a eles. Entre esses entes incluem-se, por exemplo, a canoa, o ferro, os gravadores, o

*Originalmente publicado em 2017 revista *Linguística* 13.3. Esta versão contém melhoras tipográficas e algumas correções ortográficas e gramaticais.

combustível, os motores, os carros, tratores e caminhões, o papel, o dinheiro e os projetos, a vitória de um time sobre outro em uma partida de futebol, a aposentadoria rural, a votação em políticos locais e federais, os países, os chinelos de borracha tipo *crocs*, os noruegueses, a escrita etc. As principais estratégias usadas são pareamento fonológico chistoso, pareamento fonossemântico, extensão de significado e descrições. Embora mais raros, também ocorrem alguns empréstimos diretos.

Os dados usados neste artigo foram coletados em viagem de campo promovidas pelo Projeto de Documentação da Língua Kĩsêdjê (PRODOCLIN Kĩsêdjê, Museu do Índio, FUNAI), nos anos de 2008 até 2015, a partir da observação da fala natural e posterior esclarecimento junto a falantes nativos. Mais informações sobre a gramática do Kĩsêdjê podem ser obtidas em Santos (1997) e Nonato (2014). Os falantes do Kĩsêdjê são em torno de 400 e vivem em sua maioria na Terra Indígena Wawi, território contíguo à Terra Indígena Parque do Xingu. Veja o **Mapa 1**, extraído de Nonato (2014, p. 357).



Mapa 1: Localização da Terra Indígena Wawi

As diversas estratégias linguísticas com que nos deparamos ao estudar essas maneiras de neonominar apontam para momentos específicos situados ao longo da história recente de contatos dos Kĩsêdjê com outros povos, sobretudo com os povos alto-xinguanos (*khupẽ wê amtô* ‘estrangeiros-ratos’, cujas casas têm portinhas chistosamente assemelhadas a tocas de rato) e com os não-índios (*khupẽ khá txi* ‘estrangeiros da roupa abundante’). A natureza diversificada dessas estratégias ao longo do tempo e ao ser aplicadas a diferentes domínios pela iniciativa de diferentes famílias tece uma sistemática dinâmica e que remete à nomeação dos pontos do território Kĩsêdjê (Coelho de

Souza 2009). Em ambos os casos, a nomeação não é definitiva nem biunívoca, estando ligada a circunstâncias e nomeadores específicos (indivíduos ou famílias).

A nomeação dos novos entes se diferencia, entretanto, da nomeação dos pontos territoriais na medida em que a nomeação de novos entes se caracteriza pelo papel do chiste e pela estratégia do pareamento fonológico, enquanto que a nomeação de pontos do território Kĩsêdjê geralmente remete a um evento passado naquele lugar ou um recurso extraído dali. As estratégias do pareamento fonológico e fonossemântico não fazem parte da tipologia clássica de empréstimos lexicais de Haugen (1950), tendo sido sua importância apontada por Zuckerman (2003). A contribuição original do presente artigo está em indicar o papel que o chiste pode ter na fixação de pareamentos fonológicos e fonossemântico.

O pareamento fonossemântico é uma expressão que exiba ao mesmo tempo correspondência sonora e semântica com o termo original. Esse processo é muito usado na formação dos neologismos em Chinês:

- (1) < 威而钢 > wēiérngāng ≈ /vaj'ægɾə/ <viagra >
 威 而 钢
 poderoso & duro
 'viagra' (lit. duro e poderoso) (Mandarim de Taiwan, Zuckerman 2003, p. 59)

Um exemplo de pareamento fonológico chistoso é a expressão que dá título a este artigo. Foi cunhada quando os Kĩsêdjê recebem de um representante da Rain Forest Foundation Norway, e se lhes explicou que o estrangeiro vinha de um país chamado Noruega.¹

- (2) /nɔru'egɛ/ ≈ /ndɔɾɔ'hwegɛ/
 Ø-ndo ro Ø-hwê-kê
 3-cara em 3-peidar-NMLZ
 'peido/peidar na cara'

O peido na cara tem muita graça para os Kĩsêdjê porque tem um papel central em uma narrativa engraçada que todos eles conhecem, chamada *wapãmjê thõ ndo ro suhwangêth hwêk to khusê ra* 'aquela em que a sogra ficava peidando na cara do nosso antepassado'.

- (3) wa-pãm-jê thõ ndo ro suhwangêth hwê-k to khusê-Ø ra
 1.INCL-pai-PL PART cara em sogra peidar-NMLZ com ficar.PL-NMLZ DET
 'aquela em que a sogra ficava peidando na cara do nosso antepassado'

É uma história em que a sogra todas as noites esperava o genro dormir e vinha peidar na sua cara:

¹ As abreviações de glosagem usadas neste documento são: & = conjunção coordenativa, 1 = primeira pessoa, 2 = segunda pessoa, 3 = terceira pessoa, AUG = aumentativo, COP = copula, DET = determinante, DIM = diminutivo, INCL = inclusivo, NFUT = não-futuro, NMLZ = nominalizador, NOM = nominativo, PART = partitivo, PL = plural, POSS = possessivo, SD = sujeitos diferentes, SI = sujeitos idênticos.

- (4) ∅ “txii” ne = n ∅-ndo ro ihwê = nhy ∅ “hâââ” ne = n
 3.NOM “pfff” fazer = &.SI 3-cara em peidar = &.SD 3.NOM “argh” fazer = &.SI
 ‘Ela peidou na cara dele, “pfff”, e ele gemeu, “argh” e ...’

Ele começa a emagrecer e adoecer. Com a ajuda de um amigo, que fica de vigília enquanto ele dorme, descobrem o que estava acontecendo e, na noite seguinte, ele fica apenas fingindo que está dormindo para verificar que de fato a sogra estava fazendo como o amigo tinha dito. Ele então espera a sogra pegar no sono e a mata empalada. Contando assim parece trágica, mas para os Kīsêdjê é uma história muito engraçada.

Eu não estava com os Kīsêdjê no momento da nomeação do estrangeiro norueguês, mas ouvi dizer que ele muito se orgulhou do seu nome indígena, e talvez nunca tenha sabido o que queria dizer.

2 Outros pareamentos fonéticos chistosos

Os Kīsêdjê são conhecidos por falarem quase exclusivamente na sua língua, sem misturar português. Em um documentário indígena cujo título infelizmente não consigo recuperar, um homem Ikpeng fazia um comentário a esse respeito em uma reunião com outros Ikpeng. Esse hábito dos Kīsêdjê lhes possibilita conversar na frente de estrangeiros sem dar-lhes pista alguma sobre o assunto de que estão tratando. No documentário, o homem comentava justamente que dado o fato de os Ikpeng emprestarem palavras do português diretamente, com pouca ou nenhuma adaptação fonológica, qualquer estrangeiro que esteja presente pode através dessas palavras entender o assunto de que estão tratando.

Já apresentei um exemplo de pareamento fonológico chistoso na introdução deste artigo, e veremos mais alguns nas três subseções seguintes. A primeira tratará dos nomes dados às cidades no entorno do território dos Kīsêdjê, a segunda da nomeação de conceitos pertinentes à burocracia estatal e o terceiro inclui mais alguns exemplos que não se deixaram classificar.

2.1 Nomes de cidade

Talvez porque gostam de poder falar sem ser entendidos por estrangeiros, os Kīsêdjê estão sempre buscando, coletivamente, maneiras adequadas de nomear na língua. As cidades do entorno, por exemplo, todas têm nome na língua. Vários desses nomes são pareamentos fonológicos, de maior ou menor chistosidade, em que se percebe às vezes um humor *nonsense*. A graça está em cunhar uma expressão gramatical e com referencial bem definido que soe parecido com o nome da cidade em português. O chiste é causado pela desconexão entre o significado literal das expressões e o uso idiomático que vem a receber.

- (5) a. /kaska'ʎerɐ/ ≈ /k^hɾatk^hz'dʒɛɾɐ/
 ∅-khrat khá jêrê
 3-começo cobertura pendurar.NMLZ
 ‘Ribeirão Cascalheira’ (lit. pendurar a bermuda)

- b. /kɛ'rēsɪə/ ≈ /kʰɾɛɾɛ'tʃi/
 khrrerētxi
pássaro.sp
 'Querência' (lit. nome de um pássaro)
- c. /kana'rēnɛ/ ≈ /kʰahɾɔ̃'kʰɾɔ̃/
 khahrã khrã
 tracajá cabeça
 'Canarana' (lit. cabeça de tracajá)

Os nomes de lugar podem ser múltiplos. Canarana tem um outro nome, *khahrã ndo* 'olho de tracajá'. Pessoas diferentes deram esses nomes, mas ambos são compreendidos e usados por diferentes grupos de Kĩsêdjê em diferentes contextos. A coexistência de múltiplos nomes para um mesmo referente é corriqueira. Coelho de Souza (2009) menciona um local que era tradicionalmente conhecido como *Rop hwĩkhá kapaj tá* 'lugar onde se tirou a canoa da onça' (6), em referência a um evento que aconteceu lá fazia muito tempo, mas que atualmente foi renomeado como *Ngrwatkikhô* 'lugar onde tem buritis altos'. Ambos nomes são usados simultaneamente.

- (6) rop hwĩkhá kapa-j tá
 onça canoa tirar-NMLZ lugar
 'Lugar de onde se tirou a canoa da onça'

2.2 Burocracia estatal

Nas suas reuniões comunitárias, os Kĩsêdjê vêm frequentemente se deparando com termos em português que correspondem a papéis e conceitos novos. Para alguns desses, eles criaram pareamentos fonológicos chistosos do tipo *nonsense*:

- (7) a. /awtori'za/ ≈ /atu,ɾikʰɾat'kʰɔ/
 Aturi khrat khá
 A. começo cobertura
 'autorizar' (lit. bermuda de Aturi)
- b. /sup'lētʃɪ/ ≈ /su'kʰɛnɛ/
 sukēne
 homoplata
 'suplente'
- c. /ʒuʃ,tʃifi'ka/ ≈ /dʒun,tʃih^{wɪ}'kʰɔ/
 juntxi hwĩkhá
 beijaflor veículo
 'justificar (voto)' (lit. veículo do beija flor)
- d. /kõ'seʎu/ ≈ /kõn'sere/
 kōn sêrê
 joelhe queimar.NMLZ
 'conselho' (lit. joelho queimado)

2.3 Outros conceitos novos

O futebol, esporte mais importante entre os povos indígenas brasileiros, também vem carregado de conceitos novos, alguns dos quais foram adaptados na forma de pareamentos fonológicos com humor nonsense:

- (8) a. /toh^lse/ ≈ /t^hɔ^lse/
Corinthians mã tho sê
C. para 3.com amarrar
'Ele(a) torce para o Corinthians' (lit. Ele amarra com alguma coisa para o Corinthians)
- b. /prɔhɔga^lsẽw/ ≈ /m̃brɔk^hʔegasõnõ/
mbro khre kasõno
brasa miolo mingau
'prorrogação' (lit. mingau de miolo de brasa)

Uma palavra muito importante no domínio do futebol constitui um dos poucos empréstimos que sofreram apenas adaptação fonológica, não correspondendo a nenhum significado literal na língua:

- (9) Corinthians =ta tho kxanhongõ
C. =NOM 3.em ganhar
'O Corinthians ganhou.'

Pode parecer que a adaptação do verbo 'ganhar' não é necessária dada a preexistência de provas competitivas como a corrida de toras. Na corrida de toras, entretanto, o verbo usado não tem um significado abstrato, mas sim espacial:

- (10) ∅ aj tho s-akre-n ndo ta
3.NOM PL 3.em 3-passar-NMLZ em estar
'Eles estavam ganhando delas' (lit. Eles estavam passando delas)

No futebol, a vitória é um conceito mais abstrato. O time que ganhou podia estar perdendo no final. Tudo depende da contagem dos pontos. Essa adaptação do verbo 'ganhar', *kxanhongo*, também é o verbo que estava sendo usado nas conversas sobre eleições de representantes.

Outro domínio em que a abstração de um conceito pré-existente mereceu um novo item lexical foi a 'venda'. Embora a troca de itens preexista ao hábito de os trocar por dinheiro, este último tipo de troca é específico e importante o suficiente. Recebeu um pareamento fonológico com humor *nonsense*.

- (11) /vẽ^lde/ ≈ /h^{wĩ}te/
tá ro hwĩ tê
algo com árvore amarrar
'Ele(a) vendeu algo' (lit. amarrar a árvore com algo)

E uma das mercadorias que mais interessa comprar com o dinheiro obtido através de vendas também recebeu um nome por pareamento fonológico:

- (12) /'tabletfɪ/ ≈ /sambɾek'tʃi/
 sambrêktxi
peixe.sp
 'tablet'

3 Pareamento fonossemântico

Os neologismos que apresentei acima 'pegaram' em parte pela sua semelhança com o termo equivalente em português e em parte por conta do seu caráter chistoso, que muitas vezes advém do fato de a expressão ter um significado *nonsense* em Kĩsêdjê. O chiste é causado pela desconexão entre o significado literal das expressões e o uso idiomático que vem a receber. Não conheço descrições anteriores deste tipo de processo.

Um tipo de processo aparentado com o que vimos acima, e mais comumente descritos nas línguas do mundo, é o pareamento fonossemântico. Nesse tipo de processo, o sentido da expressão é importante, mas não a sua chistosidade. Consiste em buscar uma expressão que exiba ao mesmo tempo uma correspondência sonora e uma correspondência semântica com o termo original. Esse processo é muito usado na formação dos neologismos em Chinês (Zuckerman 2003):

- (13) a. < 威而钢 > wēiérngāng ≈ /vaj'ægɾə/ <viagra >
 威 而 钢
 poderoso & duro
 'viagra' (lit. duro e poderoso)
 (Mandarim de Taiwan, Zuckerman 2003, p. 59)
- b. < 万维网 > wànwéiwǎng ≈ www
 万 维 网
 miríades dimensão rede
 'www' (lit. rede de dimensões miríades)
 (Mandarim de Taiwan, Zuckerman 2003, p. 138)
- c. < 声纳 > shēngnà ≈ /'sownaɾ/ <sonar >
 声 纳
 som receber
 'Sonar' (lit. receptor de som)
 (Chinês Padrão Moderno, Zuckerman 2003, p. 57)
- d. < 黑客 > hēikè ≈ <'hækə > <hacker >
 黑 客
 sinistro visitante
 'Hacker' (lit. visitante sinistro)
 (Chinês Padrão Moderno, Zuckerman 2003, p. 137)

Encontrei alguns neologismos em Kĩsêdjê que buscam um pareamento semântico além do pareamento fonológico. Muitas dessas expressões também se caracterizam pelo chiste, como o neologismo para 'aposentado':

- (14) /apuzẽ'tadu/ ≈ /apute'ntoro/
 Apu tê ntô-rô
 A. rede pendurar-NMLZ
 'aposentado' (lit. 'alguém que pendurou a rede de Apu)

Essa expressão já se encontra tão fixa que flexiona regularmente:

- (15) Hên wa arâ i-tê ntô
 NFUT 1.NOM já 1-rede pendurar
 'Eu já me aposentei.' (lit. Eu já pendurei minha rede)

A aposentadoria é um direito civil que os Kĩsêdjê adquiriram ao decidir se integrar com a burocracia estatal. Outro direito, bastante em pauta durante a última eleição, é o de escolher seus representantes. A expressão com que eles denominam o ato de votar consegue um grau de semelhança conceitual, mas também engraçado, como se o ato de votar consistisse em apontar uma flecha para o candidato escolhido:

- (16) /vɔ'ta/ ≈ /hɔ't^wa/
 Mê =ra hwêtri Marina mã ho twa
 pessoal =NOM todos M. para bambu dente.NMLZ
 'O pessoal votou todos em Marina.' (lit. ponta de flecha para Marina)

Entre os vários grupos étnicos com que os Kĩsêdjê entraram em contato na sua história recente, destacam-se, pela sua presença massiva nas fazendas e cidades no entorno, os gaúchos, denominados na língua por uma expressão ao mesmo tempo descritivamente precisa e chistosa:

- (17) /ga'uʃu/ ≈ /kahot't^hu/
 kahot thu
 cheio inchado
 'gaúcho' (lit. [barriga] cheia e inchada)

No corpus de Kĩsêdjê coletado por Coelho de Souza (2009), a maioria das denominações geográficas faz referência a um recurso animal ou vegetal abundante ou que seja costume extrair em um local. O lugar onde Orlando e Cláudio Villas-Boas encontraram os Kĩsêdjê pela primeira vez, por exemplo, é atualmente chamado de *Ngrwatxi khô* 'Buritizal'.

A expressão comumente usada para referir-se a Brasília segue esse modelo, além de soar como o nome da cidade em português. Note que, ao contrário do que eu achava antes de perguntar, *não* havia uma plantação de melancias em Brasília antes da chegada dos não-índios à região. A graça é justamente parecer um nome de lugar dado segundo os recursos que lá havia, mas que todo mundo sabe que não é o caso:

- (18) /bra'zilja/ ≈ /wara'sik^hɾo/
 warasi khrô²
 melancia coletivo
 'Brasília' (lit. melancial)

Os Kĩsêdjê são de fato tão receptivos à incorporação de novos termos ao vocabulário da sua língua que eu consegui com algum sucesso propor um nome para outra capital brasileira, tentando seguir o modelo de nomes geográficos que são nomeados com relação a um ‘dono’, como o *Khumdu ho nho ngô* ‘Água/rio da arraia’ ou *Hore nho ngô* ‘Água/rio da taquara’:

- (19) Janaru nho ngô
J. POSS água
‘Rio de Janeiro’ (lit. Rio de Janaru)

No caso, Janaru é um homem Kĩsêdjê muito querido e engraçado, e todos riam quando eu contava no meu Kĩsêdjê quebrado o que tinha feito naquele rio cujo dono era Janaru.

4 Extensão de significado

Os processos de nomeação apresentados nas sessões anteriores requerem fluência em português e, portanto, não começaram a ser empregados até muito recentemente. Os Kĩsêdjê entraram em contato permanente com falantes de português apenas na segunda metade de século XX e depois disso ainda tomou muitos anos antes que a comunidade se tornasse verdadeiramente bilíngue.

Antes disso, no seu contato com outros povos indígenas, o processo mais comum para a formação de novos itens lexicais era a extensão do significado de palavras pre-existentes, que passavam então a denotar novos referentes e conceitos, em adição ao seu significado original mais restrito. Quando o contexto propicia ambiguidade, compostos formados a partir dessas palavras são empregados.

Um primeiro item que foi bastante estendido foi a palavra *khupê*. Nas narrativas tradicionais, esse termo é usado para referir-se a estrangeiros e monstros:

- (20) a. *khupê hwa ry*
estrangeiro braço comprido
‘Monstro do braço comprido’
b. *khupê hwĩ-re*
estrangeiro pequeno-DIM
‘Anõezinhos’

Ao chegar à bacia do Rio Xingu, talvez no século XIX (segundo Coelho de Souza 2009), os Kĩsêdjê entraram em contatos (pacíficos ou não) com diversos povos novos, que eles também nomearam com expressões que tinham por núcleo a palavra *khupê*:

- (21) a. *khupê wê amtô*
estrangeiro COP rato
‘alto-xinguanos’ (lit. estrangeiro-rato)
b. *khupê wyti*
estrangeiro único
‘Kawaiweté/Kayabi’ (lit. estrangeiro solitário)

² Note que *khôr*, formante de *Warasi khôr*, é o coletivo de plantas que crescem juntas e *khô*, formante de *Ngrwatxi khô*, é o coletivo de plantas que crescem separadas (Coelho de Souza 2009).

Mais tarde, ao conhecer os brancos, também os denominaram por meio de uma construção que usa o núcleo *khupẽ*:

- (22) *khupẽ* *khá* *txi*
 estrangeiro roupa muito
 ‘não-índio’ (lit. estrangeiro da roupa abundante)

Atualmente, o termo *khupẽ* está generalizado enquanto denominação dos povos indígenas, em oposição aos não-índios. A expressão em (23) é usada quando os Kĩsêdjê estão falando de ações que tomariam juntos com outros índios. Nesse uso, o sentido original da palavra está completamente ausente.

- (23) *wa-wê* *khupẽ*
 1.INCL-COP estrangeiro
 ‘nós índios’ (lit. nós estrangeiros)

Na **Subseção 4.1** discutiremos alguns exemplos de extensão de significado de palavras no contexto do contato com novas tecnologias e na subseção **Subseção 4.2** alguns exemplos de extensão de significado de palavras no contexto do contato com novos costumes.

4.1 Tecnologia

Foi com os alto-xinguanos que os Kĩsêdjê adquiriram as tecnologias da rede de dormir e da roupa, e a história da aquisição dessas tecnologias ficou registrada nos seus nomes:

- (24) a. *khupẽ* *khá*
 estrangeiro cobertura
 ‘roupa’ (lit. cobertura do estrangeiro)
- b. *khupẽ* *tê* → *kwêê*
 khupẽ *tê*
 estrangeiro nó
 ‘rede’ (lit. nó do estrangeiro)

As expressões em (24a) e (24b) só são usadas quando o dono da roupa e/ou da rede não está em questão. O possuidor substitui a palavra *khupẽ* nessas expressões:

- (25) a. *a-khá*
 2-cobertura
 ‘tua roupa’ (lit. tua cobertura)
- b. *a-tê*
 2-nó
 ‘tua rede’ (lit. teu nó)

Apenas o contexto permite distinguir entre o sentido literal e o sentido neologístico de (25a) e (25b). A ambiguidade me parece tanto mais desconcertante na medida em que

khá ‘cobertura’ também significa *pele* (ou, no caso de plantas e animais, *couro* e *casca*). Quando chamei a atenção do meu consultor para o meu desconcerto, ele não pareceu achar a ambiguidade nada de mais, e quando lhe propus a situação hipotética em que eu lhe falasse por telefone (e portanto não pudesse usar os recursos desambiguadores de apontar para a minha própria pele ou roupa), ele me sugeriu que seria possível usar orações relativas para desambiguar. Não tomei nota da exata formulação que ele me propôs, mas era algo como:

- (26) a. i-nhi khá
 1-carne cobertura
 ‘Minha pele’ (lit. cobertura da minha carne)
- b. i-khá jatá-rá txi ra
 1-cobertura colocar-NMLZ AUG DET
 ‘Minha roupa’ (lit. cobertura que eu coloquei)

Máquinas de deslocamento O nome genérico *khá* também é usado no neologismo cunhado para referir-se à tecnologia da canoa, que os Kĩsêdjê aprenderam a usar e construir com os alto-xinguanos:

- (27) hwĩ khá
 árvore cobertura
 ‘canoa’ (lit. casca de árvore)

O sentido da expressão *hwĩ khá* tinha sido esticado aos seus limites, podendo ser usado para referir-se não apenas às canoas tradicionais feitas de casca de árvore, mas a qualquer tipo de embarcação. Finalmente, o termo adquiriu o sentido mais amplo de ‘veículo’, sendo usado sem qualificações sempre que o contexto permite entender a sua referência, e podendo ser especificado na forma de expressões fixas no léxico:

- (28) a. mbajsy hwĩkhá
 caranguejo veículo
 ‘bicicleta’ (lit. veículo do caranguejo)
- b. khyj wê hwĩkhá
 alto de veículo
 ‘avião’ (lit. veículo de cima)
- c. ngô khôt hwĩkhá
 água ao.longo veículo
 ‘canoa’ (lit. veículo da água)
- d. hwykha khôt hwĩkhá
 terra ao.longo veículo
 ‘carro’ (lit. veículo da terra)

Metal Outro item altamente produtivo na formação de neologismos tecnológicos é a palavra *khryt/khryry*³ ‘metal’ talvez relacionada à raiz *khry* ‘estar.frio’. A relação parece óbvia, mas o sufixo *-t* por meio do qual a primeira palavra derivaria da segunda, apesar de ser um sufixo de nominalização usado com certas raízes, não é o sufixo de nominalização específico que se usa com a raiz *khry* ‘frio’ na sincronia da língua (que, no caso, é o morfema nulo). Essa realidade, entretanto, é compatível com a hipótese de que se trata de uma derivação histórica, fazendo uso de uma morfologia não produtiva na sincronia da língua. Hoje em dia, a palavra *khryt* foi generalizada para referir-se a qualquer máquina ou mecanismo.

- (29) a. *khryt twa*
metal dente
‘anzol’ (lit. dente de metal)
- b. *khryt to kuhu tá*
metal com enrolar.NMLZ coisa
‘arame’ (lit. coisa enrolada de metal)
- c. *khryt txi*
metal AUG
‘facão’ (lit. metal grande)
- d. *khryt tê*
metal nó
‘anzol’ (lit. nó/linha do metal)
- e. *khryt sī*
metal DIM
‘faca’ (lit. metal pequeno)
- f. *ndo hwê khryry*
olho COP metal
‘óculos’ (lit. olhos que são metal)
- g. *khryt ho*
metal plano
‘machado’ (lit. metal plano)
- h. *khryt rē*
metal lançar.PL
‘pescar com anzol’ (lit. ficar lançando metal)
- i. *khryt kapêrē*
metal falar.NMLZ
‘rádio para comunicação’ (lit. metal que fala)

³ A forma *khryt* é usada em posição medial e a forma *khryry* em posição final de enunciado.

4.2 Novas terras, novos costumes

Inovações femininas Em Kĩsêdjê se chama *ngá* à ‘casa dos homens’, um casebre coberto mas sem paredes que serve aos homens como espaço ritual e de socialização. Recentemente foi construída para as mulheres uma réplica da casa dos homens, ao lado desta, que lhes serve de forma parecida como o *ngá* serve aos homens. Quando os Kĩsêdjê falam em português, se referem a esse novo espaço como ‘casa das mulheres’. Quando, entretanto, conversando sobre a casa das mulheres em Kĩsêdjê, fiz referência a ela como *mendijê nho ngá* (literalmente, *ngá* das mulheres), houve protestos e logo sugestões hesitantes sobre como se chamava aquele espaço na língua. Uma das sugestões foi *mendijê táhwên tá* ‘local de trabalho das mulheres’.

- (30) a. #mendijê nho ngá
mulheres POSS NGÁ
‘Casa das mulheres’
- b. mendijê táhwê-n tá
mulheres trabalhar-NMLZ lugar
‘Lugar de trabalho das mulheres’

Conclusão: por mais que os Kĩsêdjê sejam inventivos na criação de novos termos para nomear novos objetos, eles não estão por isso menos sensíveis à relação entre os termos usados na nomeação e as implicações que o seu uso acarreta.

Questões fundiárias A palavra *hwyka*, que originalmente designava apenas o solo, como em *hwyka tyktxi* ‘terra preta’ ou *hwyka kambêkê* ‘terra vermelha’, agora também serve para designar o novo conceito de ‘território/terra indígena’, podendo, nesse novo uso, receber morfologia de posse, como em *wanho hwyka* ‘nossa terra’ (Coelho de Souza 2017).

- (31) wa-nho hwyka
1.INCL-POSS terra
‘Nossa terra’

Estados Unidos Os Kĩsêdjê deram a Anthony Seeger⁴ o nome tradicional de *Ntykatxi*. Os Estados Unidos ficaram por extensão conhecidos como *Ntykatxi patá* ‘aldeia de Ntykatxi’. Presenciei uma explicação dada por um homem à sua família com respeito a esse neologismo. A questão é que o neologismo a princípio dá a entender que os Estados Unidos são uma única cidade, a qual era possivelmente uma impressão inicial dos Kĩsêdjê. O homem explicava à sua família que na verdade *Ntykatxi patá* é um país (*hwyka* ‘terra’), grande como o Brasil, dentro do qual há múltiplas cidades (*patá*). Isso ele explicava para que entendessem que, apesar de eu, o autor desse artigo, também morar nos Estados Unidos, não morava na mesma cidade que Anthony Seeger.

⁴ Etnomusicólogo que vem trabalhando com os Kĩsêdjê desde a década de 70, responsável por uma ampla literatura sobre a cultura e música desse povo (veja, por exemplo, Seeger 1980, 1981, 1987).

- (32) Ntykatxi patá
 Seeger cidade
 ‘Estados Unidos’ (lit. cidade de Seeger)

Os americanos ficaram conhecidos como *Ntykatxi khwâji*, parentes (distantes) de *Ntykatxi* e os índios americanos, conhecidos inicialmente pelos filmes e logo por uma viagem que um grupo de Kĩsêdjê fez há algumas décadas aos Estados Unidos, são denominados *Ntykatxi nho khupê* ‘os estrangeiros/índios (khupê) de Ntykatxi (Anthony Seeger)’.

- (33) a. Ntykatxi khwâji
 Seeger parente
 ‘estadounidense’ (lit. parentes de Seeger)
- b. Ntykatxi nho khupê
 Seeger POSS estrangeiro
 ‘índios dos estados unidos’ (lit. estrangeiro de Seeger)

5 Expressões descritivas

Depois de discutir exemplos de pareamentos fonológicos chistosos e pareamentos fonossemânticos bem-humorados, apresentamos o processo da extensão de significado que, embora ainda importante na formação de neologismos, é menos prevalente hoje que num passado relativamente recente em que os Kĩsêdjê não tinham alcançado o grau generalizado de bilinguismo em português que hoje detêm. Finalizando a apresentação dos processos neológicos, veremos que alguns neologismos são simples descrições dos entes nomeados. Em várias dessas descrições, notamos igualmente um grau de humor na escolha do aspecto descrito, como em ‘pen drive’ (cérebro, 34a), ‘computador’ (o do olho tremido, 34b), ‘policial’ (o da panela na cabeça, 34c), ‘Xavante’ (o do cabelo com rabo comprido, 34d) e ‘cros’ (sapato do cururu, 34e).

- (34) a. khrã si kanhini
 cabeça osso meleca
 ‘pendrive’ (lit. cérebro)
- b. ndo hwe-hwe-txi ra
 olho treme-treme-AUG DET
 ‘computador’ (lit. o que tem olho que treme)
- c. khrã khãm ngwâji
 cabeça em panela
 ‘policial/soldado’ (lit. panela na cabeça)
- d. khĩ jamby ry
 cabelo rabo comprido
 ‘Xavante’ (lit. o que tem cabelo com rabo comprido)

- e. piri hwaj ho hwaj khá
sapo pé plano pé cobertura
'cros' (lit. sapato do sapo cururu)

6 Conclusão

Como vimos, os Kĩsêdjê recorrem a uma variedade de estratégias diferentes para nomear os entes que surgem na vida da comunidade. Pareamentos fonológicos ou fonossemânticos, ambos com traços chistosos, extensão de significado de termos pre-existentes e criação de expressões descritivas, onde uma vez mais se nota o papel do chiste.

Os neologismos mais antigos, cunhados antes do contato permanente entre os Kĩsêdjê e os falantes de português, se caracterizam sobretudo pela extensão semântica de termos pré-existentes e pela formação de compostos a partir destes, a que se recorre quando o contexto não permite estabelecer referências sem ambiguidade.

A partir do momento em que a comunidade se tornou bilíngue em português, tornaram-se proeminentes as estratégias baseadas no pareamento fonológico de uma expressão em Kĩsêdjê com a palavra ou expressão em português que se quer tomar emprestada. Em alguns desses pareamentos observa-se uma busca por um pareamento também semântico (pareamentos fonossemânticos), mas a maioria têm um sentido *nonsense*. Em ambos tipos de pareamento, percebe-se o chiste do significado literal da expressão em Kĩsêdjê.

Na denominação de objetos concretos, finalmente, se destaca o uso de construções descritivas. Neste processo, também se percebe o papel do humor na escolha do aspecto a ser descrito.

Referências

- Coelho de Souza, Marcela Stockler (2009). “Três nomes para um sítio só: A vida dos lugares entre os Kĩsêdjê”. Comunicação apresentada no IV Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, Lisboa.
- Coelho de Souza, Marcela Stockler (2017). “Dois pequenos problemas com a lei: terra intangível para os Kĩsêdjê (Suyá)”. Em: *Revista de antropologia da UFSCar* 9.1, pp. 109–130.
- Haugen, Einar (1950). “The Analysis of Linguistic Borrowing”. Em: *Language* 26.2, pp. 210–231.
- Nonato, Rafael (2014). “Clause chaining, switch reference and coordination”. Tese de dout. MIT. URL: <http://rafaeln.github.io/papers/thesis.pdf>.
- Santos, Ludoviko Carnasciali (1997). “Descrição de Aspectos Morfosintáticos do Suyá”. Tese de dout. UFSC.
- Seeger, Anthony (1980). *Os índios e Nós, Estudos sobre Sociedades Tribais Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Seeger, Anthony (1981). *Nature and society in Central Brazil: the Suyá Indians of Mato Grosso*. Harvard Studies in Cultural Anthropology. IFCH 980.00498 Se32n. Cambridge: Harvard University Press, p. 278.

- Seeger, Anthony (1987). *Why Suyá sing: a musical anthropology of an Amazonian people*. Cambridge studies in ethnomusicology. Cambridge: Cambridge University Press, p. 147.
- Zuckerman, Ghil'ad (2003). *Language contact and lexical enrichment in Israeli Hebrew*. Palgrave Macmillan.